



## **O PROCESSO DE AUTOAFIRMAÇÃO DO IMIGRANTE BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS**

*Oswaldo de Paula Mendonça<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

O objetivo deste estudo é analisar a formação das características culturais do povo brasileiro, tomando como base os fatos históricos que contribuíram para a formação deste povo. Este artigo tem como objetivo desenvolver uma análise crítica dos acontecimentos históricos e compará-los com os atuais, no sentido de se estabelecer um paralelo e então desenvolver a compreensão do que hoje se chama de “brasilidade” ou modo de ser do brasileiro, sentimento não raro aflorado em imigrantes nos Estados Unidos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores como SOUSA (2015), FRAGOSO (2014), procurando estabelecer um paralelo entre o passado e o presente no que diz respeito à formação cultural do brasileiro, além de contribuir com subsídios para que se compreendam melhor os acontecimentos históricos. Concluiu-se que muitos acontecimentos históricos, quando não refletiram na formação cultural do brasileiro, já demonstravam uma tendência a isso, levando a supor que a formação do brasileiro tem mais a ver com a cultura em si do que se supunha. Além disso, concluiu-se que o modo bem peculiar do brasileiro ver a vida é resultado de um longo processo histórico que, evidentemente, passou por algumas adaptações e que em território estrangeiro tende a se evidenciar ainda mais.

**Palavras-chave:** História. Cultura. Sociedade. Colonização.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como tema a análise do processo de autoafirmação do imigrante brasileiro nos Estados Unidos e de que maneira a sua formação cultural influencia no processo de adaptação em terra estrangeira.

Essa formação é demonstrada através de uma análise da colonização e da historicidade do país, em um paralelo com a atualidade, onde se percebe o desenvolvimento econômico-social da sociedade brasileira foi estigmatizado, desde o seu início, por uma insistente distância entre o Estado e a sociedade.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Mestrado Internacional em Teologia da Ivy Enber Christian University



Pode-se dizer que o Estado antecede a organização de uma estrutura social independente, já que em várias modificações políticas ocorridas, incluindo-se a formação da República, tudo ocorreu sem a mobilização social e foram apresentadas à sociedade como um resultado pronto e fora da realidade.

Isso acontece porque no Brasil a identidade cultural não é de todo nacionalista, pelo menos não a exemplo de outros países. O brasileiro não idolatra a bandeira nacional como fazem os americanos, não “afunda” no barco como os gregos e nem cantam melodias aos seus rios, como os portugueses. Na verdade, a própria brasilidade do nosso povo é um objeto de estudos controversos, já que é difícil delimitá-la.

Os conceitos de “ser brasileiro”, nacionalidade, etc., dependem muito da ótica em que são vistas. O povo é passivo e tranquilo, não dado a muitas contendas e despreza a sentimento belicoso que vê em outras nações, sobretudo nos EUA. Ainda que nutra alguma simpatia pelo imperialismo norte americano, não comunga com seu caráter bélico e cultura à guerra.

Por outro lado, é preciso proceder a uma análise criteriosa sobre os fatores que implicam nessa brasilidade quando se trata de compreender a natureza desse cidadão que, uma vez em busca de novos rumos, imigra pra terras estrangeiras.

Sendo assim, necessário se faz uma pesquisa que delimite os conceitos de nacionalidade, brasilidade e atuação social do indivíduo, partindo da ótica de sua historicidade, ou seja, os conceitos que se estabeleceram no decorrer da formação do Estado Brasileiro.

Esse trabalho, resultado de extensa pesquisa bibliográfica, baseou-se em trabalhos já publicados por teóricos versados na temática em voga, em especial Fragoso (2014) e Souza (2015), onde se analisou opiniões para se formar um panorama mais amplo do assunto, resultando nesse trabalho.



## A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

A primeira carta sobre o Brasil, escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei português Dom Manuel, fica inédita e desconhecida até 1773, escondida nos arquivos portugueses. São as cartas de Américo Vespúcio que, talvez por serem endereçadas a Lourenço de Médici e, através dele, ao público letrado europeu, notabilizaram a então Terra de Vera Cruz e seus habitantes (CUNHA, 2015).

A famosa carta de Pero Vaz de Caminha que na verdade era um diário de bordo, registra os acontecimentos da expedição no período de 22 de Abril a 10 de Maio de 1500. Por ela, vê-se que a primeira impressão que Colombo tivera dos nativos brasileiros era de que andavam nus e são selvagens: “homens pardos, todos nus, sem nenhuma coisa que lhes cobrisse suas vergonhas, traziam arcos nas mãos e suas setas” (CAMINHA, 1968 p. 25).

Cunha (2015) diz que essa imagem de nudez que será retomada, com menos talento literário, por Vespúcio, que por sua vez ira associar os nativos à idéia de inocência. Caminha, com aparente candura, estabelece o contraste entre a ingenuidade comercial e a confiança inicial destes homens que repousam no convés do navio, em total confiança ao invasor.

Observa-se, nesse contexto que os autores já trabalhavam a formação do caráter brasileiro, da passividade e inocência que seria uma marca constante nos aspectos do que seria conhecida no futuro por brasilidade.

Essa característica de receptividade de povos estrangeiros parece ter sobrevivido durante todo esse tempo, já que ainda hoje se apresenta como um comportamento genuinamente brasileiro (FRAGOSO, 2014).

A ocupação da terra pelos portugueses se deu de forma lenta e gradual. No entendimento da exploração mercantil, Portugal detinha o monopólio sob a exploração de pau-brasil. O mais curioso é que apenas uma pequena parcela de exploradores possuía autorização da Coroa portuguesa para exploração. Entre estes, estava Fernando de Noronha (SOUSA, 2015). Nota-se neste



despontar de relacionamento Estado/elite como o caráter de favorecimento pessoal de uma minoria começou no país.

Um aspecto interessante da formação da sociedade brasileiro estava expresso no princípio básico de exclusão que distinguia as categorias sociais. Tratava-se do princípio de pureza do sangue. Os chamados “impuros” eram os cristãos novos (judeus cristianizados), os negros (mesmo quando livres), os índios em certa medida e as várias espécies de mestiços. A esses era vedado participação na política, ocupar cargos públicos, receber títulos de nobreza, participar de irmandades de prestígio etc. Somente em 1773 uma lei acabou com a distinção entre cristãos antigos e novos, embora o preconceito religioso e racista jamais tenha se extinguido do país (SOUSA, 2015).

Fausto (1996) diz que haviam duas instituições básicas destinadas a organizar a colonização do Brasil: o Estado e a Igreja Católica. Embora trabalhassem de forma distinta, ambas cooperavam para que a Coroa portuguesa se firmasse como dona das novas terras. O autor frisa que não havia o conceito de laicidade na época, ou seja, “a religião do Estado era a católica e os súditos, isto é, os membros da sociedade, deviam ser católicos” (FAUSTO, 1996 p. 35).

SOUSA (2015) diz que no período do Primeiro Reinado encerrou-se o status de “colônia” do Brasil e iniciou a derrocada de transformações no país que delimitou sua posição de nação politicamente soberana. No entanto, apesar do significado histórico dessa mudança, percebe-se que o processo de emancipação não permitiu que houvesse modificações mais significativas na sociedade, já que os privilégios das classes dominantes e a condição de miséria da população permaneceram inalterados. Apesar disso, observa-se que neste período foram necessárias grandes ações para a organização do Estado brasileiro.

D. Pedro I, o primeiro rei, mostrou um espírito de liderança pouco convincente. A própria Constituição por ele mesmo elaborada e o pagamento



de uma onerosa indenização aos cofres portugueses colocavam em dúvida a sua fidelidade ao país que governava (FRAGOSO, 2014)

O que se viu em seguida foi ainda mais desastroso. A saída de Dom Pedro I representou uma nova fase para a política nacional. Seu filho e herdeiro do trono, Dom Pedro II era muito jovem e deveria aguardar a sua maioridade para tornar-se rei e só assumiu aos quinze anos, graças à uma manobra política (FRAGOSO, 2014).

Como acontece ainda hoje, o quadro político logrou certa estabilidade graças à situação econômica favorável. SOUSA (2015) diz que o consumo do café no mercado externo transformou a produção deste grão no sustentáculo principal da economia brasileira no segundo reinado. Com o fortalecimento da economia e contribuiu significativamente para o advento da economia industrial que se sucedeu pouco tempo depois.

### **A INFLUÊNCIA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA BRASILIDADE**

O que se percebe desses fatos históricos é que a sociedade brasileira sempre fica à margem do processo político, exercido sempre pela elite, pelas forças armadas e os já detentores do poder. Ao povão, as bananas.

A proclamação da República revelou um jogo político de poder controlado pelas classes militares. Baseando seu governo nos ideais positivistas, o novo governo prometia fazer da hierarquia e rigidez da esfera militar, grandes instrumentos de mudança do estado de caos que havia se estabelecido no país.

Embora a proposta seja de um governo provisório, a gestão de Deodoro da Fonseca promoveu significativas mudanças na política brasileira, entre elas a anulação dos efeitos legais da constituição de 1824, passando a governar por intermédio de decretos (FRAGOSO, 2014).

Um ponto positivo para o primeiro Presidente foi a separação do Estado da religião e a reformulação do Código Penal. O país experimentava os



primeiros conceitos de laicidade, embora a religião católica tenha sido tão expressiva e influente que ainda hoje o Estado Laico só existe na teoria.

No entanto, Deodoro autorizou emissão de grande quantidade de papel moeda. O que na época era desconhecido pelos agentes políticos hoje é muito bem estudado por economistas e outros estudiosos do setor. A economia é uma área que demanda muito conhecimento e firmeza por parte da gestão pública.

Ora, não se pode produzir moeda sem que se produzam bens e serviços. Não raro, é preciso retirar o poder de compra da população para conter a inflação, como fizeram alguns presidentes posteriormente. O caso mais célebre foi no primeiro dia do mandato do Presidente Collor de Mello, em 1992. A impopularidade dessa medida acabou lhe custando o poder (TATUINE, 2015).

O governo de Deodoro não durou muito tempo. O autoritarismo militar que ele impunha provocou descontentamento em todo o país, o que acabou mobilizando diversos segmentos da sociedade contra o seu governo. Pressões populares e de outros militares forçaram o governo recém empossado de renunciar, o que aconteceu em 23 de novembro de 1891.

Silva (2015) diz que o período que se seguiu ficou conhecido como “Velha República” e a história registra uma série de presidentes da República alternando-se no poder, ora mineiros, ora paulistas. Em 1930, o gaúcho Getúlio Vargas articulou um golpe de Estado, num ato que ficou conhecido como Revolução de 1930, consolidando sua figura como um dos presidentes mais emblemáticos que já governaram o Brasil (SILVA, 2015).

O período seguinte foi conturbado e engloba diversos fatores que demandam uma análise sistemática da situação política do país. O Brasil enfrentou a ditadura do período que ficou conhecido como “Era Vargas” e posteriormente amargou vinte anos de ditadura militar. Depois veio a



redemocratização, a influência das políticas neoliberais e finalmente a ascensão de políticos de orientação socialista ao poder.

Em todo esse tempo, o caráter do brasileiro foi se moldando até chegar ao que hoje é mundialmente conhecido como “jeitinho brasileiro”. Percebe-se, pela análise dos fatos históricos, que esse “jeitinho” sempre fez parte da política nacional. Desde o estabelecimento da República, o jeito bem brasileiro de governar tem demonstrado que não há espaço para amadores.

A população brasileira dobrou nos últimos anos e já alcança a soma de mais de duzentos milhões (CENSO, 2010). Então, não se pode governar um país dessa dimensão sem respaldo teórico e sem formação intelectual.

Por outro lado, percebe-se também um comodismo em todo esse processo, com a população se manifestando apenas quando sofre problemas advindos da alguma crise econômica. Parece que a corrupção, a incompetência e outros vícios que vem desde o marechal Deodoro da Fonseca não incomodam a população o suficiente para que esta reaja.

Sem muitas dificuldades podem-se elencar alguns aspectos que caracterizam o país como uma região de delimitação geográfica e política específica, além de sua autonomia na esfera econômica e jurídica. Mas os problemas surgem quando tentamos identificar nos brasileiros as características que lhes seriam peculiares com uma identidade comum a todos.

Inicialmente, questiona-se como um país marcado historicamente por desigualdades sociais e por inúmeras diferenças étnicas, regionais e culturais poderia apresentar uma unidade cultural. De fato, para alguns estudiosos os aspectos etno-culturais comuns observados na língua, nas religiões, na culinária, nas formas de organização social, definem o jeito brasileiro de ser, detentor de uma singularidade que define também a cultura brasileira.



O consenso nacional é de que ser brasileiro é assumir o ideal libertário dentro da alma, vestir verde-amarelo mesmo quando a seleção não está em campo e nenhum nadador sobe ao pódio sob a bandeira nacional. Mas a característica do brasileiro é muito mais ampla. Tem a ver com um sentimento de orgulho pela simplicidade das coisas da vida. Brasileiro gosta de coisa boa e acessível. Mas isso não quer dizer que seja ocioso e não dado ao trabalho. O testemunho estrangeiro desencoraja essa definição, dada por mau gosto, por alguns (TATUINE, 2015).

O grande problema do brasileiro repousa na sua visão simplista da política. O entendimento limitado da ordem social leva os brasileiros a um estado de comodismo que, não raro, o induz às práticas deploráveis do assistencialismo.

Neste contexto, as políticas públicas de saúde, educação, moradia, etc., acabam por ficar relegado a um segundo plano, quando não são utilizadas com objetivos eleitoreiros. Toda ação estatal nesse sentido, deveria resultar num conjunto de programas, ações e atividades desenvolvidas pelo Estado para assegurar o direito de cidadania, mas acabam por se limitar a um mero assistencialismo barato que não leva o indivíduo à independência.

Nota-se que é preciso uma intervenção eficaz no sentido de se propor uma modificação deste cenário cruel e injusto. É imperiosa a ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras. Para isso, o País precisa voltar seus olhos ao passado, aprender com seus erros e regozijar com as conquistas, para que o futuro possa ser ainda mais promissor.

## **A IMIGRAÇÃO E O AFLORAMENTO DA BRASILIDADE NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

Não é segredo que o brasileiro, a despeito de todas as condições desejáveis que o país sul americano oferece, busca melhores oportunidades em terras estrangeiras. De fato, o caráter migratório parece fazer parte da



identidade nacional, talvez em função do volume de nacionais de diversos países que o Brasil já acolheu e ainda acolhe.

Então, se o país oferece oportunidades para estrangeiros, há quem pense que essas oportunidades não estão à disposição dos próprios cidadãos. Por conta disso, a grande maioria da juventude em idade de trabalho que está insatisfeita com as políticas de emprego do país já foi, está ou planeja imigrar para os Estados Unidos.

Na verdade, os primeiros registros de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos surgiram na década de 1960. Anterior a isso, os brasileiros eram incluídos em grupos formados por aqueles oriundos da América do Sul e não eram classificados de modo separado. Dentro do volume de 234.761 pessoas da América do Sul que chegaram nos Estados Unidos entre 1820 e 1960, acredita-se que um pequeno número era brasileiros. Isso baseia-se no fato de que em meados dos anos 60, o relatório do United States Census Bureau contou 27.885 norte-americanos de ascendência brasileira (JEFFERSON, 2022).

Entre as décadas de 60 e 80 aconteceu o fenômeno da imigração em massa de brasileiros para os Estados Unidos. Dados indicam que cerca de 2.300 imigrantes brasileiros chegaram a esse país a cada ano. Em geral, o empobrecimento no Brasil foi um dos fatores mais cruciais para essa imigração (JEFFERSON, 2022).

Já no final da década de 80, como resultado da hiperinflação do fim da ditadura militar, o volume de imigração chegou ao patamar de 1,4 milhão de brasileiros, agora buscando também países europeus e o Japão como destino final. Uma pesquisa feita em 1990 nos Estados Unidos registrou a presença de 60 mil brasileiros vivendo nos Estados Unidos. Outros trabalhos apontam a existência de 100 mil brasileiros vivendo na região metropolitana de Nova York, além de outras comunidades em diversas cidades (SILVA, 2020).



Portanto, a presença do brasileiro nos Estados Unidos é bem documentada e, embora não seja tão antiga como os açorianos, por exemplo, essa comunidade se desenvolveu muito mais, expandindo a cultura e influência na sociedade americana. Na cidade de New Bedford, estado de Massachusetts, a imigração portuguesa, especificamente de açorianos, data do século 19 enquanto a brasileira do final do século XX. Apesar disso, os brasileiros conseguiram se fazer vistos culturalmente tanto quanto aqueles, a despeito da diferença de tempo imigratório.

É possível concluir que, enquanto outros povos busquem se adaptar ao país que escolheram para viver, os brasileiros fazem o oposto. Não é raro observar que a brasilidade aflorada em terras americanas seja o resultado de um anseio de retorno ao país com algum dinheiro, o que poderia ser indicativo de desmotivação para a adaptação cultural. Em outras palavras, parece que o brasileiro se adapta apenas o necessário para atingir seus objetivos, isto é, juntar a maior quantidade de dólares para poder voltar ao país e assumir um novo padrão de vida. Com raríssimas exceções, o “brazuca”, como é chamado por lá, não pretende se estabelecer em definitivo no país.

Em geral, os brasileiros buscam estados menos hostis à presença imigratória, como Massachusetts. Enquanto alguns grupos proclamam uma urgência nacional no sentido de se construir um muro na fronteira com o México e deter a imigração ilegal, cidades de Massachusetts se mostram muito amigáveis aos imigrantes, concedendo não apenas oportunidades de trabalho, mas estabelecendo em alguns casos políticas de proteção aos que vêm de outros países.

Um exemplo é a cidade de Framingham, distante 36 quilômetros de Boston, capital do estado. A cidade conta com uma população estimada em 72 mil habitantes, de acordo com o censo americano. Segundo o censo, 26,8% nasceram fora dos Estados Unidos, o que dá em torno de 19,3 mil pessoas. Os vindos do Brasil seriam cerca de 9.000 em diversos *status* de legalidade (SILVA, 2020).



A presença considerável de brasileiros em diversas cidades americanas se observa principalmente em organizações já existentes de outros brasileiros. Essa associação busca uma adaptação mínima, em lugares onde o idioma não seja tão necessário e o choque cultural seja mais tênue.

Sales (2005) diz que

Como a maior parte dos imigrantes que chegam em um país estrangeiro, os brasileiros também procuraram inicialmente, na região de Boston, o conforto das igrejas. Uma das igrejas católicas procurada pelos brasileiros foi a de Santo Antônio, em Cambridge, construída pelos portugueses e com as missas celebradas em português por um dos primeiros padres que chegaram a Boston para atender à comunidade brasileira (SALES, 2005 p. 25).

Os brasileiros, em geral, não buscam influenciar a sociedade Americana com a cultura do país de forma contundente como acontece no inverso. Enquanto o *modus vivendi* americano já foi apregoadado em terras tupiniquins, a brasilidade se apresenta no país como uma característica quase exótica.

De fato, não são poucos os americanos que contemplam surpresos o jeito brasileiro de viver, às vezes criticando-o por não compreender que culturas são diferentes. Alguns utilizam adesivos em seus carros com a frase “welcome to America, now speak English” ou seja, “bem vindo à América, agora fale inglês” em tradução literal. Percebe-se um sentimento xenófobo, inicialmente destinado aos falantes do espanhol que recusam utilizar o inglês, mas que depois acabam direcionados a todos os imigrantes em geral. Não são muitos os americanos que entendem que no Brasil se fala o português e não o espanhol. Então, para eles os brasileiros e outros povos são bem vindos, mas precisam no mínimo se adaptar ao idioma local. E muitas vezes isso não acontece.

Nesse sentido, o processo de auto afirmação do brasileiro passa pela não aquisição cultural americana. Embora pareça contraditório, é importante pontuar que o comportamento dos brasileiros em terras americanas difere muito daquele observado em outros imigrantes.

Nesse sentido, Sales (2005) destaca que

Os estudantes brasileiros às vezes se entusiasmam quando assistem às reuniões das lideranças e se propõem a ajudar a comunidade. No fundo, o que os entusiasma é compartilhar do clima de mobilização política, que em geral se acirra em momentos de campanhas por alguma reivindicação, como a legalização, a anistia, em que os líderes brasileiros, às vezes com uma base social muito menos sólida do que outros grupos imigrantes têm condições e se colocam à frente das lutas, exatamente por causa dessa bagagem que levaram consigo do Brasil (SALES, 2005, p. 28).

Portanto, a característica que se chama “brasilidade” parece de fato aflorar em terras estrangeiras apenas quando existe uma causa a defender, um interesse a buscar. Essa auto afirmação como imigrante brasileiro, aparentemente adormecida, tende a despertar em momentos oportunos. Essa talvez seja a característica mais marcante do brasileiro, já que, em geral, os demais imigrantes demonstram uma capacidade de se adequar aos costumes sociais do país que o abriga com maior facilidade.

## **CONCLUSÃO**

A nacionalidade é muito mais do que uma prerrogativa adquirida em um cartório. É um conceito próprio e amplo de identificação com um povo, com uma cultura, uma música e uma visão sobre o mundo que o cerca. A construção da nacionalidade se faz com a afirmação de valores que vão desde os aspectos civis até os religiosos.

O Brasil é um país diverso, com tendência para a tolerância e o cruzamento entre as religiões, por vezes produzindo novas denominações. Na música e na dramaturgia, o brasileiro constrói a sua cidadania com identidade própria, ainda que com alguma influência externa, mas com uma essência genuinamente nacional, o que pressupõe que a identidade brasileira não é tão vaga de referências como afirmam alguns.

Todavia, nos aspectos políticos, a cultura brasileira não se mostra tão fortalecida, a despeito de toda crise já experimentada. Ao que parece, o brasileiro ainda não assumiu sua posição dentro da própria sociedade nesse aspecto, ao passo que em território estrangeiro é contumaz.

Também é imperioso destacar que a visão do brasileiro sobre a atuação do Estado é bem delimitada, senão uniforme. A cultura paternalista herdada da velha república provavelmente influenciou nesse posicionamento e teima em refletir no comportamento mesmo dos jovens da atual sociedade.

Todo esse conceito assume uma nova leitura quando o brasileiro está fora de sua pátria, em especial nos Estados Unidos, objeto deste trabalho. O jeito de ser do brasileiro, que já foi alvo de diversos estudos, mostra-se mais evidente no exterior. Isso pode ir à contramão da visão comumente associada a uma abordagem simplista da realidade sócio político. O engajamento do brazuca nas questões políticas e sociais na “América” mostra esse fato.

Deveras, a luta pela garantia dos direitos como estratégia de fortalecimento da classe trabalhadora e mediação fundamental e urgente no processo de construção de uma sociedade humanizada, fundamentada e apoiada numa educação laica, transformadora e emancipada, que olha para o futuro sem esquecer-se das lições do passado. A observação dessa luta de brasileiros vivendo em terras estrangeiras demonstra que a apregoadada passividade do brasileiro em questões políticas não condiz com a realidade de sua personalidade.

Então, cabe concluir que o brasileiro é um cidadão consciente e apto a desenvolver suas características culturais, cabendo apenas o fomento do ambiente onde se encontra. Se esse brasileiro tem sido passivo e descompromissado em seu próprio país e mais participativo no estrangeiro, cabe refletir por que isso acontece. Mas aí ter-se-á uma questão para ser resolvida em outro trabalho de pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rey Dom Manuel Rio de Janeiro** Rio: Ed. Sabiá, 1968.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. Edusp (1996). Disponível em <http://www.conisul.com.br/wp-content/uploads/2014/02/historiadobrasil.pdf>. Acesso em 25 junho 2022.



FRAGOSO, Ramon Lopes. **História Geral**. Vol. Único. São Paulo: Unida, 2014

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. São Paulo: Global, 2004.

JEFFERSON, Alphine W. (2022) **A Countries and Their Cultures: Brazilian Americans»**. **Countries and their cultures**. Disponível em <https://www.everyculture.com/multi/A-Br/Brazilian-Americans.html>. Acesso em 25 de agosto de 2022

MONTAIGNE, Michel de. **Os Canibais**. Ensaio.vol.1Paris: Garnier, 1952

SILVA, Tiago Ferreira da. **República Velha** (2015). Disponível em <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/republica-velha>. Acesso em 23 junho 2022

SALES, Tereza. **A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA**. Disponível em <https://www.scielo.br/j/spp/a/9DgKYhjjnRWQVtbJ5JVtc5D/>. Acesso em maio de 2023.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Período Pré-colonial** Brasil Escola. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/periodo-precolonial.htm>. Acesso em 30 de junho 2022.

TATUINE, Leandro. **Conhecer História**. São Paulo: Unida, 2015.

VIEIRA, S. L.**Política educacional no Brasil: introdução histórica**.Brasília: Líber Livro, 2007.